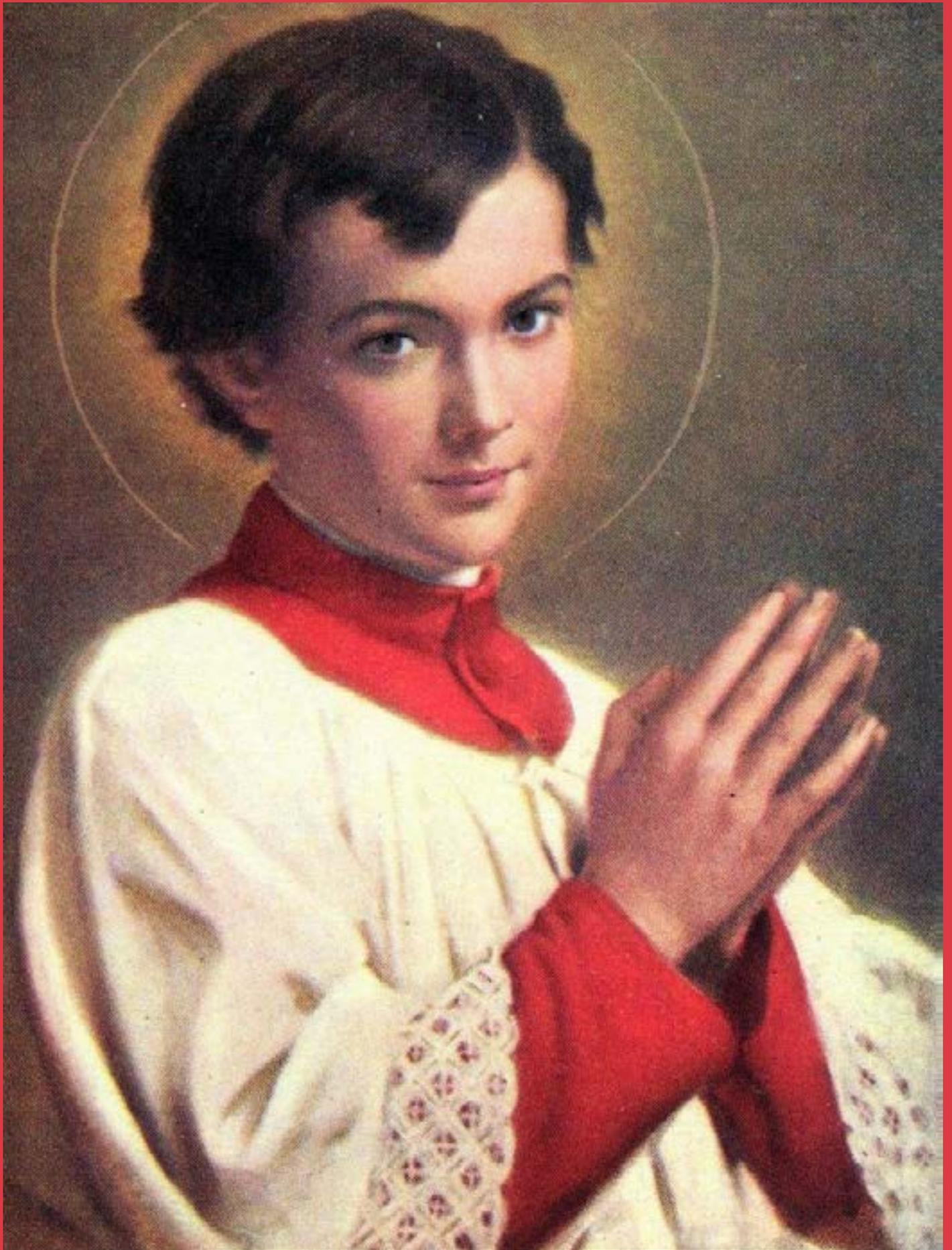


Revista da Diocese de Caratinga
Ano LXIV- Nº954 - Março de 2021

Diretrizes



**A “Anunciação do Senhor”
à luz da Páscoa de Jesus**



5 de março

São Domingos Sávio

São Domingos Sávio nasceu em 2 de abril de 1842, no vilarejo chamado Riva, pertencente a Castelnuovo d'Asti, na Itália. Era um dos três filhos de Carlos Sávio, ferreiro, e Brígida Agagliate, costureira. Uma família simples, mas rica na fé. São Domingos Sávio foi aluno de um mestre muito especial: São João Bosco. Sabe-se hoje que toda a sua vida, tão curta e intensa, foi uma grande e linda busca pela santidade.

Domingos Sávio foi um jovem cheio de grande sensibilidade. São João Bosco disse em citação que ele era “de boa índole e muito piedoso”. Ele teve uma vida curta, mas sempre traçada em direção à santidade que muitos idosos não conseguiram. Isso foi obra do Espírito de Deus. Pode-se dizer também que foi fruto da maravilhosa pedagogia criada por São João Bosco.

Suas atitudes e devoção chamavam a atenção de todos. Ainda quando criança, ia à igreja para rezar. Se o templo estivesse fechado, ele simplesmente se ajoelhava de frente à porta e ficava ali em oração até abrirem a igreja. Ele permanecia assim, na neve ou na chuva, no frio ou no calor.

A infância de Domingos Sávio teve uma grande marca: a Primeira Eucaristia. Naquele tempo, ela era feita somente aos doze anos. Mas o pequeno Domingos a recebeu aos sete anos. Cheio de fervor, se distinguiu pelo cumprimento de um lema de vida criado por ele mesmo: “Antes morrer que pecar”. Percebia-se facilmente o amadurecimento espiritual do pequeno Domingos, nos propósitos por ele mesmo estabelecidos quando fez a Primeira Comunhão. Nessa ocasião, ele escreveu seus propósitos conservados até hoje. Veja os escritos de Domingos Sávio:

1. “Confessar frequentemente e receber a Eucaristia quando o confessor permitir;
2. Santificar os dias de festa;
3. Serei amigo de Jesus e de Maria;
4. Prefiro morrer que pecar”.

Esses propósitos revelam maturidade na vida espiritual e mostram que, para Deus, a idade é um fator relativo, quando se trata de amor a Deus e vida virtuosa.

São Domingos Sávio ficava longe dos meninos bagunceiros e só fazia amizade com os de boa índole. Certo dia, alguns colegas de classe encheram com pedras a estufa da sala de aula. Este ato era considerado uma falta grave e sua punição era expulsar o aluno desobediente. E os colegas acusaram Domingos de ter colocado as pedras. O mestre, que era um padre, mesmo percebendo que Domingos não tinha feito aquilo, não tinha escolha diante das “provas” que os colegas forjaram.

O Padre, então, ordenou que ele se ajoelhasse diante de todos os colegas e deu-lhe uma bronca severa. Domingos só não foi expulso da escola porque aquela era a primeira falha que ele cometera. São Domingos Sávio permaneceu com a cabeça baixa diante da classe e não abriu a boca. Apenas um dia depois, a verdade veio à tona.

O padre procurou Domingos e perguntou por que ele se calara diante de uma falsa acusação, sem se defender. Domingos disse ao padre que precisava imitar o Senhor Jesus. O padre pediu para Domingos explicar melhor. Domingos disse: Jesus também tinha sido acusado sem ter culpa e ficou em silêncio, assumindo uma culpa que não era dele.

Domingos ainda disse que, se falasse em sua defesa, os outros alunos poderiam ser expulsos e ele não queria o mal para seus colegas. O Padre ficou impressionado e fez uma retratação formal de Domingos diante de toda a classe. Aos doze anos de idade, São Domingos Sávio se encontrou com São João Bosco e passou a fazer os estudos secundários, como eram chamados na época. Domingos era inteligente, sempre com boas notas. E ele nunca deixou de lado sua meta de alcançar a santidade. Por isso, ele reza e empenha-se nos estudos.

Tocado pelo carisma de São João Bosco, e pelo grande ideal que se resumia na expressão “Dai-me almas”, Domingos quis, mais do que nunca, salvar mais e mais pessoas. Por isso, ele fundou a **Companhia da Imaculada Conceição**. Dessa entidade simples saíram os melhores ajudantes de São João Bosco.

Ele não pensava só em si. Várias vezes disse a Dom Bosco: “Quantas almas esperam nosso auxílio na Inglaterra! Oh! Se eu tivesse forças e virtude, quisera ir agora mesmo, e com sermões e bom exemplo, convertê-las todas a Deus”. São Domingos Sávio tornou-se conhecido como uma pessoa com dons espirituais especiais e que reconhecia a necessidade das pessoas, bem além do percebido pelo padre comum, e tinha uma habilidade de profetizar.

Tomado pela tuberculose aos quinze anos, voltou à casa dos pais, onde morreu serenamente, com a alegria de ir ao encontro do Senhor, exclamando aos pais: “Adeus, queridos pais. Estou tendo uma visão linda! Que lindo!”

Domingos Sávio foi beatificado em 1950 e canonizado em 12 de junho de 1954 pelo Papa Pio XII. Ele é o padroeiro das pessoas que sofrem falsas acusações, dos jovens delinquentes e dos cantores do coro da igreja. Sua festa é celebrada no dia 5 de março.

SUMÁRIO



12

Capa



08

Palavra do
Pastor



10

Palavra do
Papa



16

Direkids

EDITORIAL

Gestado para nos salvar!

No dia 25 de março, a Igreja celebra a festa da Anunciação do Senhor e, no finalzinho de março deste ano, já estaremos na Semana Santa, quase iniciando o Tríduo Pascal. Em uma semana, refletimos o mistério da encarnação, na outra os mistérios da Paixão e Morte. O mistério da encarnação leva-nos a entender a nossa própria existência, e a cruz completa este entendimento. Em sua entrega, Jesus primeiro assume a nossa existência, menos o pecado, e a Cruz é a expressão máxima desta entrega.

Pela encarnação, Deus penetra a realidade total da existência humana, de sua concepção e nascimento até a morte. Como um ser humano qualquer, Jesus aniquila-se em sua divindade, fazendo-se pobre e necessitado da atenção e do carinho humano. Na oração do Ângelus, nós rezamos assim: "E o Verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós". É pela encarnação, que o divino e o humano se encontram e tudo se refaz.

Na nossa profissão de fé, falamos sobre a Encarnação e a Páscoa de Jesus. No entanto, a vida inteira Dele nos comunica o amor de Deus, desde o momento de sua concepção, no seio de Maria, até o dia de sua ressurreição. Portanto, se analisarmos direitinho, a Páscoa de Jesus é toda a sua vida. O Catecismo da Igreja Católica afirma no nº 517: "Toda a vida de Cristo é mistério de redenção. A redenção vem-nos, antes de mais, pelo sangue da cruz (193). Mas este mistério está atuante em toda a vida de Cristo: já na sua Encarnação, pela qual, fazendo-Se pobre, nos enriquece com a sua pobreza (194); na vida oculta que, pela sua obediência (195), repara a nossa insubmissão; na palavra que purifica os seus ouvintes (196): nas curas e expulsões dos demônios, pelas quais «toma sobre Si as nossas enfermidades e carrega com as nossas doenças» (Mt 8, 17)(197); na ressurreição, pela qual nos justifica (198)".

O Compêndio do Catecismo, na pergunta nº 112, afirma que: "O Mistério Pascal de Cristo, que compreende a sua Morte, Ressurreição e Glorificação, está no centro da fé cristã, porque o desígnio salvífico de Deus se realizou uma vez por todas com a morte redentora do seu Filho, Jesus Cristo". A Páscoa é o acontecimento central da fé cristã. É uma realidade que experienciamos de maneira simbólico-sacramental, através dos ritos da Igreja. As celebrações litúrgicas da Páscoa sempre se atualizam e nunca ficam antigas, pelo contrário, abraçam toda a nossa existência e a redimem pois foi na humanidade que Deus quis se encarnar.

Desde seu Nascimento, Jesus tinha um propósito: nos salvar, entregar a sua vida por nós. Neste mês de tantos momentos importantes para a fé cristã, deixemos nossas correrias de lado e nos dediquemos a refletir sobre este amor incondicional de Deus pela humanidade.

Uma boa leitura a todos!



DIRETOR

Dom Emanuel Messias de Oliveira
Bispo Diocesano de Caratinga

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Mons. Raul Motta de Oliveira
Registro de Jornalista: Nº 1788 - MTPS-DR 36090/71

REDATOR

Pe. José Geraldo de Gouveia

COLABORADORES

Alba S. Soares (Editorial/Direkids), Fr. Jonas Nogueira da Costa (Capa), Pe. Ademilson Tadeu Quirino (Liturgia), Dom Paulo Mendes Peixoto (Dom Paulo), Pe. Patrício Geraldo Fialho (Pastoral), Marcio Antonio da Silva (Reflexão).

CONSELHO EDITORIAL

Alba da Silva Soares, Marcio Antonio da Silva, Gicelia Araújo Azevedo Oliveira, Victor Emanuel Machado, Jarbas Anatônio Pires Viana, Elias Eduardo Barboza, Emanuel Victor de Souza Paulo, Bruno Kened Ferreira

EDITORA

Alba da Silva Soares
Registro de Jornalista: MTB Nº 0019146/MG

DIAGRAMADOR

Itamar Batista de Gouveia
Registro de Jornalista Diagramador nº 0020530/MG

ARTE GRÁFICA

Gráfica - Editora Dom Carloto Ltda.

CORRESPONDÊNCIA

Livraria Dom Carloto
Praça Cesário Alvim 156, CEP 35300-036
Caratinga, MG
Tel: (33) 3321-2521 / (33) 3321-9558
E-mail: revistadiretrizes@gmail.com
Facebook: [rdiretrizes@gmail.com](https://www.facebook.com/rdiretrizes@gmail.com)
[@revistadiretrizes](https://www.instagram.com/revistadiretrizes)



*19 de março, Solenidade de
São José*



*25 de março, Solenidade da
Anunciação do Senhor*

O que acontece no Tríduo Pascal?

Quaresma são quarenta dias de preparação para a Páscoa do Senhor. A Quaresma começa na quarta-feira de cinzas, dia de jejum e abstinência e termina na manhã da quinta-feira da Semana Santa.

Na quinta-feira Santa, geralmente na Catedral, temos pela manhã a Missa da Unidade ou Missa do Crisma, com a bênção dos Santos Óleos – o Óleo dos Catecúmenos (ou Óleo do Batismo) e o Óleo da Unção dos Enfermos; e a consagração do Óleo da Crisma. Após a homilia desta missa, os Sacerdotes renovam as promessas sacerdotais, em profunda comunhão com o Bispo diocesano.

O Tríduo Pascal começa na Quinta-Feira à tarde; inclui a Sexta-feira da Paixão e a Vigília da Ressurreição. É uma única celebração em três momentos. Tanto que o Sinal da Cruz é feito na missa da Ceia do Senhor, na Quinta, como abertura e, depois, apenas na bênção final, no fim da Vigília Pascal, com o fechamento.

Quinta-Feira é o dia da instituição da Eucaristia e do Sacerdócio ministerial. À noite, celebramos a missa da Ceia do Senhor, com o Lava-pés.

O gesto de Jesus lavar os pés de seus discípulos indica que nós também devemos lavar os pés uns dos outros. É serviço mútuo, essência da vida cristã.

Depois da missa da Quinta-feira Santa, o altar é desnudado e o Santíssimo Sacramento é trasladado para uma capela lateral.

Na Sexta-feira da Paixão, dia de jejum e abstinência de carne, celebramos às 15h, não a Missa, mas apenas a Paixão e Morte

do Senhor, com a proclamação do Evangelho, o beijo da cruz, e a distribuição da Eucaristia. De noite, temos o sermão das sete últimas Palavras de Jesus, seguido do descimento da imagem do seu corpo da cruz e da Procissão do Enterro.

Sábado Santo é dia de silêncio e de oração. A Igreja permanece junto ao sepulcro, meditando no mistério da morte do Senhor e na expectativa de sua ressurreição.

Sexta e Sábado Santos são os únicos dias do ano em que não se celebra a Eucaristia.

À noite do Sábado Santo, a Igreja celebra a solenidade da Vigília Pascal, a "mãe de todas as vigílias", revivendo a ressurreição de Cristo, a sua vitória sobre o pecado e a morte.

Gostaria de lembrar que o dia mais importante do ano litúrgico não é a Sexta-Feira da Paixão, mas o Domingo da Páscoa da Ressurreição.

Sexta-Feira da Paixão, entretanto, é o dia em que uma multidão imensa participa das celebrações, talvez porque o povo sofrido se identifica mais com os sofrimentos de Jesus do que com as alegrias da Ressurreição!

Mas lembramos, mais uma vez, que a celebração em que deveria haver maior participação dos fiéis é a Vigília Pascal, na noite do sábado santo, quando celebramos a Ressurreição gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Lembrem-se: O dia da Páscoa da Ressurreição é o mais importante do Ano Litúrgico!





Agenda do Pastor

Março de **2021**

10 - Às 19h30min, missa de abertura da Novena de São José, na Capela São José da Paróquia da Conceição.

Nada é impossível a Deus (Lc 1, 37)

Acabamos de ouvir o anúncio mais importante da nossa história: a anunciação a Maria (cf. Lc 1, 26-38). Um trecho denso, cheio de vida, e que gosto de ler à luz de outro anúncio: o do nascimento de João Batista (cf. Lc 1, 5-20). Dois anúncios que se seguem e que estão unidos; dois anúncios que, se forem comparados, nos mostram aquilo que Deus nos doa no seu Filho.

A anunciação de João Batista ocorre quando Zacarias, sacerdote, pronto para dar início à ação litúrgica, entra no Santuário do Templo, enquanto toda a assembleia está do lado de fora, à espera. Ao contrário, a anunciação de Jesus realiza-se num lugar remoto da Galileia, numa cidade periférica e com uma fama não particularmente boa (cf. Jo 1, 46), no anonimato da casa de uma jovem de nome Maria.

Um contraste não irrelevante, que nos indica que o novo Templo de Deus, o novo encontro de Deus com o seu povo terá lugar em locais onde normalmente não esperamos, às margens, na periferia. É ali que eles irão se saudar, é ali que eles irão se encontrar; ali Deus se fará carne para caminhar conosco, desde o seio da sua Mãe. Já não será em um lugar reservado a poucos, enquanto a maioria permanece fora, à espera. Nada e ninguém lhe será indiferente, nenhuma situação será privada da sua presença: a alegria da salvação tem início na vida quotidiana da casa de uma jovem de Nazaré.

O próprio Deus é Aquele que toma a iniciativa e escolhe inserir-se, como fez com Maria, nas nossas casas, nas nossas lutas do dia a dia, repletas de ansiedades e, ao mesmo tempo, de desejos. E é precisamente dentro das nos-



sas cidades, das nossas escolas e universidades, das praças e dos hospitais que se cumpre o anúncio mais bonito que podemos ouvir: «Alegra-te, o Senhor está contigo!». Uma alegria que gera vida, que gera esperança, que se faz carne, no modo em que olhamos para o porvir, na atitude com que olhamos para os outros. Uma alegria que se torna solidariedade, hospitalida-

de, misericórdia para com todos.

Como Maria, também nós podemos estar desorientados. «Como acontecerá isto» em tempos com tanta especulação? Especula-se sobre a vida, sobre o trabalho, sobre a família. Especula-se sobre os pobres e os migrantes; especula-se sobre os jovens e o seu futuro. Tudo parece reduzir-se a números, deixando, por outro lado, que a vida

diária de muitas famílias se tinja de precariedade e de insegurança. Enquanto a dor bate em muitas portas, enquanto cresce a insatisfação de numerosos jovens pela falta de oportunidades reais, a especulação abunda em todos os lados.

Certamente, o ritmo vertiginoso a que estamos submetidos parece roubar-nos a esperança e a alegria. As pressões e a impotência perante muitas situações parece que nos torna áridos e insensíveis diante dos inúmeros desafios. E paradoxalmente quando tudo se acelera para construir — em teoria — uma sociedade melhor, no final não se tem tempo para nada e para ninguém. Perdemos o tempo para a família, para a comunidade, para a amizade, para a solidariedade e para a memória.

Far-nos-á bem questionar-nos: Como é possível viver a alegria do Evangelho hoje nas nossas cidades? É possível a esperança cristã nesta situação, aqui e agora?

Estas duas perguntas referem-se à nossa identidade, à vida das nossas famílias, dos nossos países e das nossas cidades. Mexem com a vida dos nossos filhos, dos nossos jovens e exigem da nossa parte um novo modo de nos situar na história. Se a alegria e a esperança cristãs continuam a ser possíveis, não podemos, não queremos permanecer diante de tantas situações dolorosas como meros espectadores que olham para o céu esperando que «deixe de chover». Tudo o que acontece exige que olhemos para o presente com audácia, com a audácia de quem sabe que a alegria da salvação adquire forma na vida quotidiana da casa de uma jovem de Nazaré.

Diante desta desorientação de Maria, perante as nossas desorientações, são três as chaves que o Anjo nos oferece para nos ajudar a aceitar a missão que nos é confiada.

1. Evocar a Memória

A primeira coisa que o Anjo faz é evocar a memória, abrindo assim o presente de Maria a toda a história da Salvação. Evoca a promessa feita a Davi como fruto da aliança com Jacó. Maria é filha da Aliança. Também nós hoje somos convidados a fazer memória, a olhar para o nosso passado para não esquecer de onde viemos. Para não nos esquecermos dos nossos antepassados, dos nossos avós e de tudo aquilo que passaram, para chegar onde estamos hoje. Esta terra e a sua gente conheceram a dor das duas guerras mundiais; e, por vezes, viram a sua merecida fama de laboriosidade e civilização contaminada por ambições desgradadas. A memória ajuda-nos a não permanecer prisioneiros de discursos que semeiam rupturas e divisões como único modo para resolver os conflitos. Evocar a memória é o melhor antídoto que temos à nossa disposição, diante das soluções mágicas da divisão e da alienação.

2. A pertença ao Povo de Deus

A memória permite que Maria se aproprie da sua pertença ao Povo de Deus. Faz-nos bem recordar que somos membros do Povo de Deus! Milaneses, sim, Ambrosianos, sem dúvida, mas parte do grande Povo de Deus. Um povo formado por mil rostos, histórias

e proveniências, um povo multicultural e multiétnico. Esta é uma das nossas riquezas. É um povo chamado a acolher as diferenças, a integrá-las com respeito e criatividade e a celebrar a novidade que provém dos outros; é um povo que não tem medo de abraçar os confins, as fronteiras; é um povo que não tem medo de acolher quem necessita, porque sabe que ali está presente o seu Senhor.

3. A possibilidade do impossível

“Nada é impossível a Deus” (Lc 1, 37): assim termina a resposta do Anjo a Maria. Quando acreditamos que tudo depende exclusivamente de nós, permanecemos prisioneiros das nossas capacidades, das nossas forças, dos nossos horizontes míopes. Quando, pelo contrário, nos dispomos a deixar-nos ajudar, aconselhar, quando nos abrimos à graça, parece que o impossível começa a tornar-se realidade. Sabem bem isto estas terras que, ao longo da sua história, geraram muitos carismas, muitos missionários, muitas riquezas para a vida da Igreja! Numerosos rostos que, superando o pessimismo estéril e divisor, abriram-se à iniciativa de Deus e tornaram-se sinal de quão fecunda possa ser uma terra que não se deixa fechar nas próprias ideias, limites e capacidades e se abre aos outros.





A “Anunciação do Senhor” à luz da Páscoa de Jesus

O mistério pascal ilumina todos os mistérios de Cristo. A ressurreição do Senhor trouxe uma compreensão mais nítida da identidade messiânica de Jesus, iluminando tudo o que foi vivido por aqueles que estavam mais próximos do Senhor, de modo que pudessem afirmar, com toda a sua fé, que Jesus é o Messias, o enviado de Deus, Senhor da história.

Partindo desta premissa é que podemos também dizer que a luz do Ressuscitado se reflete no texto lucano conhecido como “Anunciação do Senhor” (Lc 1, 26-38).

A “Anunciação do Senhor” faz parte de um grupo de textos que denominamos “Evangelhos da Infância”. Esses textos neotestamentários compreendem Mt 1-2 e Lc 1-2. Foram escritos posteriormente ao Evangelho a que foram anexados, oriundos de uma antiga tradição oral ou escrita por volta da segunda metade do primeiro milênio. Servem tanto como um prólogo para os dois Evangelhos quanto uma catequese cristológica (VALENTINI, 2007, p. 65; LAURENTIN, 2016, p. 19).

Enquanto uma catequese cristológica, podemos dizer que essas narrativas são uma verdadeira proclamação pascal de Jesus como Messias, Salvador, Emanuel, Rei e Senhor, ou seja, são escritos que nos falam da natureza messiânica e soteriológica de Jesus à luz da sua ressurreição (VALENTINI, 2007, p. 24).

Se tomarmos o texto da “Anunciação” e dividi-lo em três partes, podemos ver como essa catequese messiânica é feita de forma muito pedagógica, pois na primeira parte (Lc 1, 28-29) encontramos a irrupção de uma Boa Nova, algo de muito grande está para acontecer e é motivo de imensa alegria; depois o texto nos leva a observar a origem humana dessa criança que irá nascer (Lc 1, 30-33), especial atenção é dada nesse momento sobre a descendência davídica de Jesus, como um sinal humano de sua messianidade; enfim, temos a terceira parte que nos fala da origem divina de Jesus (Lc 1, 34-35) pela força do Espírito Santo (LAURENTIN, 2016, p. 38). Assim, aquele que irá nascer de Maria é anunciado pelo Anjo Gabriel

como a grande novidade salvífica, o Messias – porque herdeiro das promessas de Deus a Davi – e, ao mesmo tempo, um dom do Pai, pleno do Poder do Espírito Santo.

Se prestarmos atenção na estrutura acima apresentada, veremos que esses elementos se repetem no conjunto dos relatos pascais, pois primeiro afirma-se a alegria da Boa Nova da ressurreição, depois recorda a humanidade daquele que ressuscitou (dando uma ênfase à morte de cruz) e, por fim, seu lugar singular junto do Pai na glória, depois de ressuscitado. Essa era a grande proclamação da comunidade cristã em sua origem, motivo de celebração e sentido da vida para todos os seguidores de Jesus. Logo, na introdução para o Evangelho de Lucas, ou seja, nos capítulos 1-2, essa confissão de fé é expressa no conjunto dos dois capítulos e, de modo singular, no texto da “Anunciação do Senhor”.

A celebração da “Anunciação do Senhor” tem seus primeiros indícios no séc. VII, no Oriente. No Ocidente, sabemos que o Papa Sérgio († 701) a celebrava, prescrevendo

procissão e ladainha para a sua comemoração (TABORDA-KONINGS, 2020, p. 233).

Um antigo inconveniente é o fato da data acontecer em plena Quaresma, o que é uma interrupção do espírito de sobriedade litúrgica que a quaresma impõe. Mas, então, qual o motivo para a manutenção dessa data no calendário litúrgico?

Primeiro, chamamos a atenção para sua ligação com a data da celebração do nascimento de Jesus, que remete ao tempo de 9 meses de gestação. Contudo, prescindindo desse dado, 25 de março é equinócio da primavera que, para algumas tradições dos primeiros séculos do cristianismo, coincide com a suposta data da criação do mundo. Há também, ainda no cristianismo antigo, textos que aludem à morte de Jesus em 25 de março. Assim, podemos falar de um conjunto de tradições que acentuam essa data ligada à encarnação do Verbo. Nada que seja respaldado por uma comprovação das ciências históricas ou arqueológicas, contudo, não podemos negar o grande relevo que os primórdios da piedade cristã deram a essa data.

Estamos diante de um grande desafio para a ação litúrgica: temos uma data do Advento na Quaresma ou uma antecipação da Páscoa? Muito difícil dar uma resposta a essa questão, pois a lógica do ano litúrgico não coincide, neste caso, com as que endossam a referida data. Interessante notar que, no caso da Solenidade da Imaculada Conceição, o nexo entre a Conceição Imaculada de Maria e o Advento é mais estreito. Mas, no caso da Anunciação do Senhor, não temos muitos elementos que nos ajudem a integrar a festa da Encarnação do Verbo com a Quaresma, exceto acentuar a natureza humana do Senhor.

O acento dado na humanidade de Jesus já aparece na oração da coleta da missa, em que se diz: "Ó Deus, quisestes que o vosso Verbo se fizesse homem no seio de Maria [...]". Caberia então, sobretudo na homilia, dizer que essa humanidade que, com o consentimento de Maria, assumiu

a nossa carne é a humanidade que assumiu nossas dores e caminha para a cruz e ressurreição.

Também é importantíssimo lembrar que Deus, assumindo a humanidade na encarnação do Verbo, fez com que tudo o que é humano fosse também assumido por Deus. Logo, tudo o que é humano nos conduz a Deus. O pecado não é humano. É sempre um ato de desumanidade.

A luz pascal que ilumina o relato da "Anunciação do Senhor" ilumina também a cada um de nós.

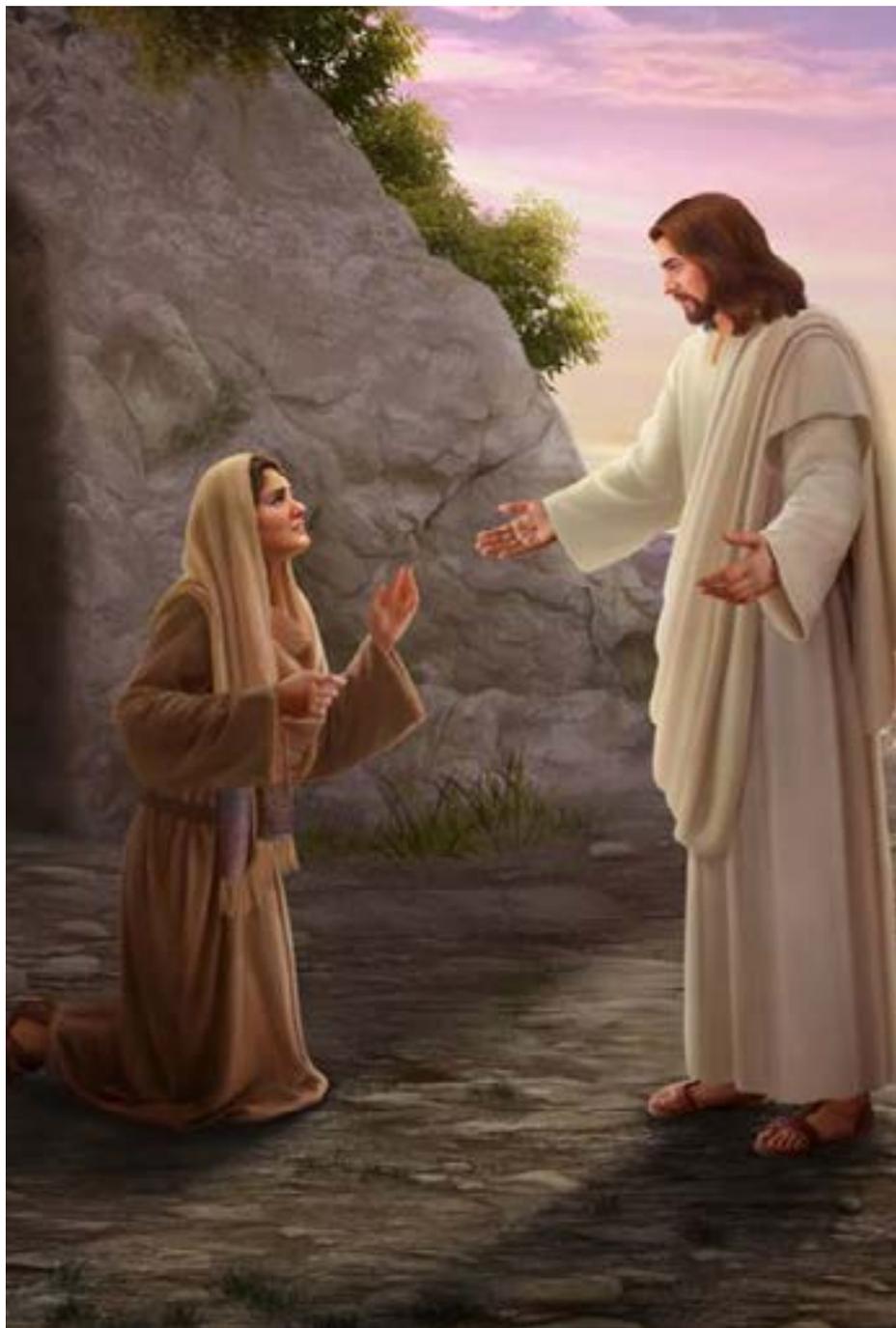
Nossa humanidade, assumida pela encarnação do Verbo, é destinada à ressurreição com Cristo, no Poder do Espírito Santo.

Referências bibliográficas

LAURENTIN, René. Breve trattato sulla Vergine Maria. Cinisello Balsamo: Edizione San Paolo, 2016.

TABORDA, Francisco; KONINGS, Johan. Celebrar o Dia do Senhor: subsídios litúrgicos: anos A, B, C. São Paulo: Paulus, 2020.

VALENTINI, Alberto. Maria secondo le Scritture: Figlia di Sion e Madre del Signore. Bologna: EDB, 2007.





Paróquia Santo Estêvão, Em Iapu-MG Acolhe Seu Novo Pároco

<https://www.diocesecaratinga.org.br/parouquia-santo-estevao-em-iapu-mg-acolhe-seu-novo-paroco/>

"Pela Graça De Deus Sou Aquilo Que Sou" (1Cor 15,10) Homenagem da Equipe da Revista Diretrizes pela páscoa definitiva de Pe. Rafael

<https://www.diocesecaratinga.org.br/pela-graca-de-deus-sou-aquilo-que-sou-1cor-1510/>



Retiro Espiritual – Tempo de graça

<https://www.diocesecaratinga.org.br/retiro-espiritual-tempo-de-graca/>



Seminaristas são ordenados diáconos em Conceição de Ipanema

<https://www.diocesecaratinga.org.br/seminaristas-sao-ordenados-diaconos-em-conceicao-de-ipanema/>



O Ano de São José: um presente para toda a Igreja

A convocação do “Ano de São José” nasce do coração paternal de Francisco, que deseja chegar ao coração de todos os católicos, convidando cada um a conhecer melhor o pai adotivo do Senhor e a sua importância no plano salvífico de Deus.

Em comemoração dos 150 anos da proclamação de São José como guardião universal da Igreja, pelo Papa Pio IX, o Papa Francisco acaba de dar um grande presente à Igreja, o “Ano de São José” através da Carta Apostólica *Patris Corde* “Coração de Pai”. Esta Carta, como o próprio título sugere, é cheia de afeto. Nasce do coração paternal de Francisco, que deseja, por meio dela, chegar ao coração de todos os católicos, convidando cada um a conhecer melhor o pai adotivo do Senhor e a sua importância no plano salvífico de Deus.

A Tradição Cristã sempre teve uma especial atenção à importância do sim de Maria, mas nem sempre reconheceu com a mesma consciência a importância do sim de José, o carpinteiro de Nazaré, a quem Maria estava prometida em casamento. Foi crucial a aceitação de José para que o plano da Salvação de Deus pudesse ser realizado. A Sagrada Escritura não esconde as dificuldades pessoais que São José precisou enfrentar ao receber o anúncio de que sua futura esposa, sem ter contato com homem algum, estava grávida.

O Evangelho dá a José o título de justo (Mt 1,19), termo raríssimo e concedido a pouquíssimos personagens na Sagrada Escritura. Justamente porque equivale à palavra santo que, no Antigo Testamento, é um atributo reservado somente a Deus (Ecl 7,20). Isso revela muito sobre a integridade, os valores e a santidade de vida de José. Era um homem fiel à Lei, observador dos mandamentos e preceitos da Torah. Por isso, com sua obediência a Deus, escuta a voz do anjo e não teme em aceitar Maria como esposa e assumir o Filho de Deus como seu próprio filho.

A vida de São José e de Maria não será nada fácil. Terão de enfrentar dificuldades as mais diversas. Eram pobres. O termo que conceitua a profissão de José em grego é tekton que não significa simplesmente carpinteiro, mas aquele que constrói, uma espécie de artesão. José, na verdade, era um artista. Ganhava pouco e, como muitos pais de família, viveu a angústia de não poder dar conforto e segurança aos seus. Esta tristeza José sentiu na pele, principalmente quando viu sua esposa dando à luz em lugar paupérrimo, no frio e na miséria. Sabemos que as dificuldades de José não terminaram na gruta de Belém. Imediatamente após

o nascimento de Jesus, obedeceu ao anjo e conduziu sua família ao Egito para proteger o recém-nascido das ambições perversas de Herodes. Assim, tornaram-se migrantes. Podemos imaginar o pobre José, buscando um emprego, tentando oferecer o mínimo para sua família nas terras estrangeiras do Egito.

O Papa Francisco lembra em sua Carta *Patris Corde* de tantos pais que, infelizmente, não conseguem oferecer nem mesmo o básico aos seus filhos. José retorna a Nazaré e lá ensina o menino Jesus a trabalhar, a entender a dura realidade da vida, será um pai presente. A carta do Papa também traz uma belíssima constatação. O fato de Jesus ser tão respeitoso com as mulheres, homem de oração e próximo aos mais sofredores, pode nos revelar tanto da figura do pai que teve, com quem aprendeu tudo isso. Às vezes imaginamos Jesus como se já tivesse nascido pronto. Mas, na verdade, a própria Escritura revela que Jesus teve de aprender gradualmente. O episódio do encontro de Jesus aos doze anos no Templo de Jerusalém nos revela que ele retornou a Nazaré e era obediente ao Pai e à Mãe. E ainda nos revela que ele crescia em estatura, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens (cf. Lc 2,52). Assim, José, a partir de sua própria obediência a Deus, e na escuta atenta de Deus, cria o filho. Obediência que se dá na acolhida, no acompanhamento.

José é um pai presente. O papa recorda da carência que temos de esposos e pais como José. Ele não compreendeu tudo. Ele acolheu tudo. José não se impôs na vida do filho, mas ele acompanhou a Jesus na escolha de seu próprio

caminho. E assim, a figura de São José se oculta e não temos mais informações sobre ele na Bíblia. Mas o pouco que temos já nos é suficiente para reconhecer a sua importância ímpar na vida de Jesus e no plano da Salvação. O Papa Pio IX, então, ao declarar São José patrono universal da Igreja, estava dizendo que, assim como o guardião da família de Nazaré foi capaz de proteger o Filho de Deus, também segue protegendo a Igreja que é o Corpo Místico de Cristo.

A missão de José no esconhecimento e na missão oculta tem tanto a dizer aos homens de hoje. O Papa Francisco recorda de tantos homens e mulheres que, de maneira especial, durante a pandemia, arriscam suas vidas para cuidar e proteger as pessoas vítimas desta enfermidade. A Carta Apostólica *Patris Corde* e o Ano de São José são um convite a cada um de nós para conhecermos e imitarmos aquele homem justo e santo, que, mesmo sem compreender tudo, acolheu tudo.

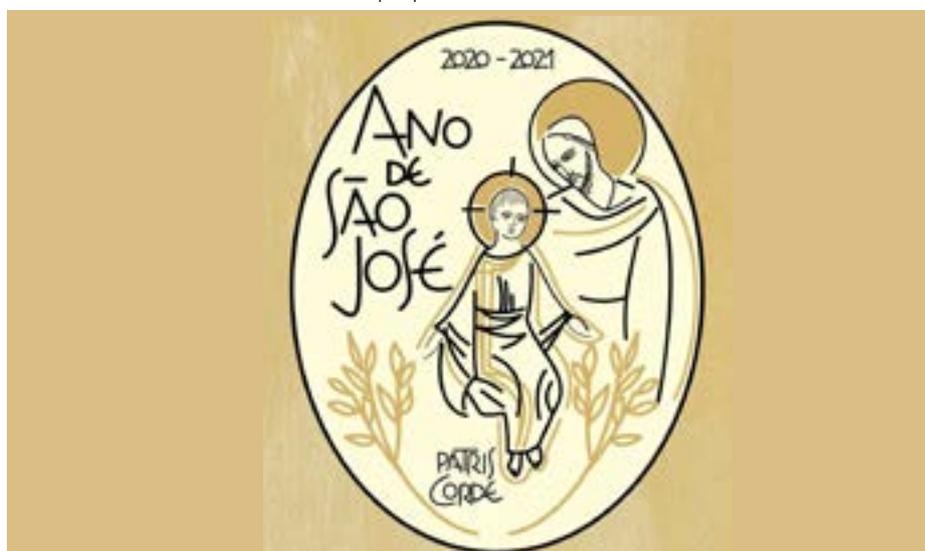
Salve, guardião do Redentor e esposo da Virgem Maria!

A vós, Deus confiou o seu Filho; em vós, Maria depositou a sua confiança; convosco, Cristo tornou-Se homem.

Ó Bem-aventurado José, mostrai-vos pai também para nós e guiai-nos no caminho da vida.

Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem, e defendei-nos de todo o mal. Amém.

Fonte: www.vaticannews.va



Dire KIDS



O sentido do Tríduo Pascal

Vamos lembrar o sentido do Tríduo Pascal? Vamos lá!

O Lava-pés: "Ensina-me a amar..." Não sabemos amar, muito menos amar até o fim. Quem nos ensina é Jesus. Para os judeus, a Páscoa é celebração da memória de sua história e identidade. Jesus, celebrando a Páscoa com seus doze discípulos, fez da Páscoa o memorial de sua passagem, sua missão da parte de Deus e sua volta ao Pai, através do dom de sua vida na cruz. Fez da Páscoa o memorial de seu amor até o fim. Jesus quis dizer mais ainda. Tomando a atitude de escravo, ele aponta para sua morte na cruz, morte de escravo. A cruz é o verdadeiro "serviço de escravo" que Jesus nos presta e pelo qual ele nos liberta. Não devemos ter medo de nos comprometer com quem morre por amor de nós!

Jesus lavou os pés dos discípulos para lhes dar um exemplo de serviço na humildade e no amor radical, que o levou a dar a vida por eles. Também nós devemos servir uns aos outros e dar nossa vida pelos irmãos. Para isso, não basta lavar, na cerimônia, uns pés que já foram anteriormente bem lavados. Trata-se de tornar-nos escravos daqueles que trataríamos como escravos. É uma subversão.

A Ceia Pascal: A Páscoa Judaica não cai no mesmo dia que a nossa. Jesus comeu, com os discípulos, a páscoa judaica e, no início dessa refeição, lavou os pés de seus discípulos, em sinal de exemplo do dom da própria vida. O Evangelista João nem menciona o momento da Eucaristia, porque a Eucaristia significa comunhão com Jesus, e esta comunhão se expressa maravilhosamente pelo gesto do lava-pés: deixar-se lavar por Jesus, aceitar que Jesus seja nosso servo, que não só lava nossos pés, mas dá sua vida por nós. Por isso, queremos servir nossos irmãos... O lava-pés é a Eucaristia na vida!

A última ceia foi uma ceia da páscoa judaica. Jesus quis celebrar essa ceia, mas ao mesmo tempo a transformou, colocando-se livremente como escravo dos seus irmãos! E fez disso a sua "passagem" para junto de Deus! Esta passagem de Jesus se manifesta na ressurreição. Celebramos Jesus na imagem do cordeiro pascal do A.T., cujo sangue preservou os hebreus do castigo que Deus fez descer sobre os egípcios para que deixassem ir os israelitas. Jesus dá um novo sentido. Mas, continuamos celebrando o nosso Cordeiro pascal, cujo sangue (existência) nos salva; este, porém, não foi sacrificado como um animal sem inteligência, mas porque quis livremente servir-nos no amor até o fim.

A "Páscoa" do Messias e do seu povo.

Uma das leituras da Vigília Pascal lembra o significado da Páscoa no A.T: a passagem do Senhor Deus para libertar seu povo, arrancando-o das mãos dos egípcios e fazendo-o passar pelo Mar Vermelho a pé enxuto. Para os cristãos, Páscoa é a comemoração da passagem de Jesus, da morte à glória. Deus mostrou-se mais forte que os inimigos de seu plano de amor, que mataram o Messias. **O amor venceu**, e ressurgiu imortal. O Messias vai agora à frente de seu povo, na "Galileia", lugar onde se encontram os discípulos. Glorioso, o Ressuscitado conduz novamente os seus fiéis, como ensina o evangelho da Vigília Pascal.

Também nós temos de realizar nossa passagem. No início da Igreja, a noite pascal era a noite em que se ministrava o batismo. O batismo significa a nossa "travessia no Mar Vermelho", a nossa descida com Cristo ao sepulcro, para com ele voltar à vida nova, tornando-nos novas criaturas, mortas para o pecado, mas vivendo para Deus, em Cristo. Na Vigília Pascal renovamos nosso compromisso batismal. Morremos e ressuscitamos com Cristo. Essa renovação do compromisso batismal é o "selo" que confirma nossa conversão empreendida na Quaresma. A alegria da Páscoa não será por causa do coelhinho e dos presentes que o comércio avidamente nos forneceu. Será a alegria de quem passou da morte para a vida, trilhando os passos de Jesus.

Fonte: <https://catequesehoje.org.br>



Fernando Alves(Recife-PE) - Lamentação sobre o corpo de Cristo

Vamos assistir estes vídeos do Canal Canção Nova Kids, que nos fala sobre a Anunciação do Senhor e sobre a Paixão do Senhor, para entendermos um pouco mais sobre essas duas datas importantes para a Igreja, no mês de março.



Anunciação do Nascimento de Jesus - Canção Nova Kids

<https://www.youtube.com/watch?v=sJ280i26h2s>

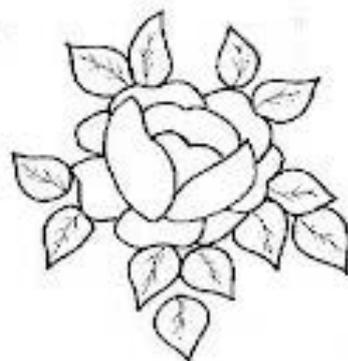


Paixão do Senhor - Canção Nova Kids

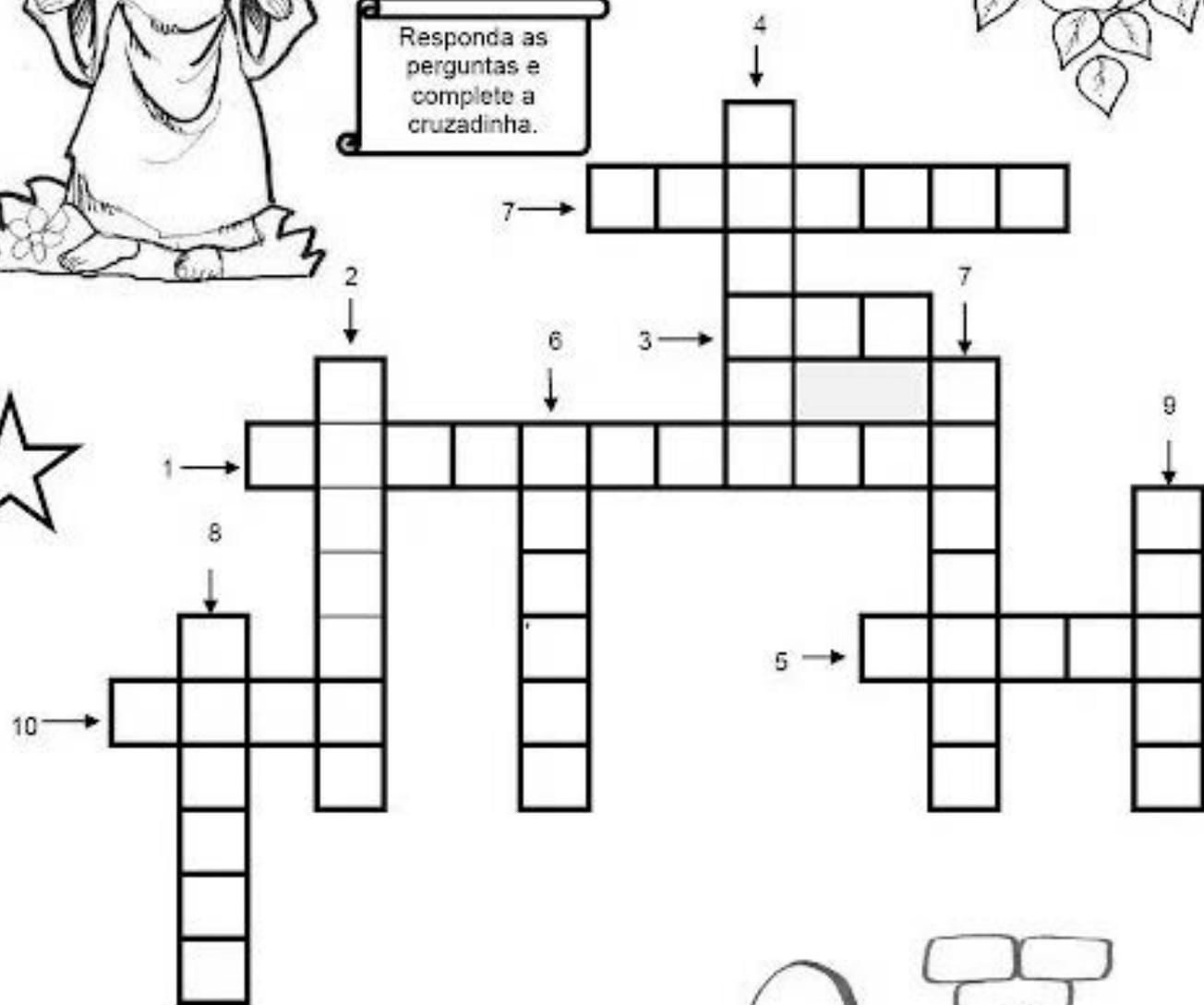
<https://www.youtube.com/watch?v=zmx7JGZA5g>



MARIA



Responda as perguntas e complete a cruzadinha.



- 1-Profissão de José
- 2-O "mensageiro" da anunciação
- 3-A mãe de Maria, segundo a tradição
- 4-A cidade de Maria
- 5-Seu Evangelho tem como símbolo o touro
- 6-Prima de Maria
- 7-Pai de Maria, segundo a tradição
- 8-Maria ajudou os de Caná
- 9-O filho de Maria
- 10-Marido de Maria





Na liturgia somos servidores de Cristo, nada mais que isso...

Neste artigo vamos refletir sobre o serviço que prestamos ao povo de Deus na liturgia. As orientações litúrgicas nos ajudam a preparar melhor as celebrações, evitando que sejam improvisadas ou rotineiras, mas preparadas com dedicação e esmero. Considerando que, em todas as celebrações li-

túrgicas, Cristo é o centro. Nós nos reunimos ao redor do Cristo, pão da Palavra e pão eucarístico, para alimentar a nossa fé e a nossa espiritualidade. O Cristo servidor nos alimenta com a sua Palavra e o seu Corpo.

Nenhuma ação litúrgica pode nos desconfigurar de Cristo.

Ela nos configura com Ele, Pastor e servidor. Ao redor do Cristo nós nos constituímos um corpo único, isto é, o corpo de Cristo. Podemos afirmar que, todas as vezes que nos reunimos em assembleia litúrgica para rezar, formamos um único corpo, isto é, o corpo eclesial configurado em Cristo. Cristo é a cabeça que

movimenta todo o corpo e nós somos os membros deste corpo (1Cor 12,27). Este "corpo eclesial" na liturgia pode ser chamado de Corpo Espiritual, Místico e Crístico.

Entendemos que a assembleia litúrgica, enquanto "Corpo Espiritual", é um corpo encharcado pelo Espírito Santo e habitado por Ele (1Cor 3,16), para conduzir com sua força o povo Deus em missão neste mundo. Sem a força e a luz do Espírito Santo, a missão do Cristo deixa de acontecer em nós. O Espírito Santo nos impulsiona para a missão do próprio Cristo, levando-nos a compreender com a mente e o coração a sua Palavra (Jo 14,26). Esta imagem do Corpo Espiritual, que é a Igreja de Cristo, é habitada pelo Espírito de Deus. Quando nos reunimos para celebrar a liturgia, externamos, pela nossa fé em Cristo, a ação do Espírito que habita em nós.

Já a assembleia litúrgica, enquanto "Corpo Místico", entendemos aqui como força mútua e coesa, que une os cristãos batizados, de tal modo que se conservem em perfeita configuração a Cristo, sem desconfigurar a sua personalidade cristã (*Místicos Corporis*, 59). O amor a Cristo e aos irmãos é externado pela prática de vida e pelo testemunho cristão. A mística litúrgica está ligada à ação do Cristo, isto é, fazer o que Ele fez, em todos os sentidos. Assim, a liturgia deve nos levar a viver a fé no dia a dia, de forma que as nossas atitudes externem a ação de Cristo em nós.

O "Corpo Crístico" que formamos em assembleia litúrgica é o próprio corpo de Cristo, constituído em oração. Sem Cristo no centro da vida litúrgica, nada pode acontecer (Jo 15,5). Neste sentido, na liturgia, quem deve aparecer é Cristo. Nós, enquanto membros deste místico corpo espiritual, somos servidores, nada mais. Como afirmou o profeta João Batista: é preciso que ele cresça e que eu diminua (Jo 3,30). Por isso, somos exortados a não

desfigurar o "Corpo de Cristo", visivelmente expresso na assembleia litúrgica, quando prestamos culto a Deus.

De modo particular, vejo com preocupação o rumo que tem tomado a forma de celebrar a fé em nossas assembleias litúrgicas. Por outro, vejo com esperança, e isto é motivo de alegria, o desejo de que nossas celebrações sejam mais silenciosas, sóbrias, mistagógicas e espirituais.

A falta de iniciação à fé cristã mais consistente dos fiéis torna mais difícil a participação ativa na liturgia. A sensação que temos é que o nosso povo está desaprendendo a participar das celebrações litúrgicas.

Nas missas, as aclamações muitas vezes são ditas sem entusiasmo; o canto do povo quase não existe e são abafados pelo ministério de música. Os leitores carecem de preparação, isto é, uma formação bíblica, litúrgica e técnica mais consistente e permanente. Ainda em muitos lugares, os leitores são escolhidos quase na hora da missa, para proclamar a Palavra de Deus; ou, às vezes, são chamadas pessoas para prestigiá-las, fazendo uma leitura na Igreja. Isso é muito sério, além de expô-las ao ridículo, elas não estão preparadas para exercer o ministério de leitor na liturgia.

Nossas celebrações precisam ser preparadas com esmero, para serem mais sóbrias, como nos pedem os documentos da Igreja. Neste aspecto, é urgente a formação dos fiéis e, principalmente, dos que estão a serviço da liturgia, nos mais variados ministérios. Não estou falando de um cursinho de final de semana e pronto. Falo de uma formação permanente, bem programada e executada. Nós, padres, precisamos nos converter a esse processo, senão vamos ficar lamentando e reclamando dos excessos e da "criatividade selvagem" na liturgia. Por outro lado, temos um rubricismo litúrgico que dificulta a

vivência do mistério de Cristo celebrado.

As celebrações litúrgicas devem propiciar um encontro orante com Cristo, de forma prazerosa e alegre, sem se tornar diversão religiosa ou exibicionismo de uma fé estéril e descomprometida com o Evangelho. A improvisação de nossas celebrações gera "espetáculo" de péssimo gosto. Isto não deve acontecer na liturgia. As equipes de celebrações devem se reunir durante a semana, para preparar bem a celebração do domingo. Nesta reunião, todos os que servem a liturgia necessariamente precisam estar presentes, isto é, leitores, cantores, ministros, coroinhas, cerimoniários, comentadores e, se for possível, o que vai presidir a Celebração. Não deve ser uma reunião apenas para distribuir funções, mas para rezar a Palavra de Deus no tempo litúrgico que a Igreja celebra. Toda a preparação da Celebração Litúrgica deve brotar da Palavra de Deus celebrada naquele dia (CNBB, doc. 43 n. 211-228). Creio que isto nos ajuda a repensar a importância da liturgia e, ao mesmo tempo, a responsabilidade que temos diante de nossos olhos, com relação à liturgia que celebramos. Aliás, carece refletir: qual é o modelo de liturgia, da qual queremos estar a serviço? Quero estar a serviço da minha liturgia ou da liturgia da Igreja de Cristo à qual fui inserido pelo sacramento do Batismo? Boa leitura e até breve.

“O Cristo servidor nos alimenta com a sua Palavra e o seu Corpo.”



Globalização e Localização

O mundo dos últimos tempos tem um olhar imaginário para o infinito, de forma globalizada, colocada em evidência pelas redes virtuais, e outro focado no seu próprio chão, onde a vida acontece de forma concreta. São realidades que podem gerar tensões, porque há o confronto entre o universalismo abstrato, global, e a prática de uma vivência petrificada e avessa a qualquer tipo de transformação.

Tudo que acontece na mudança cultural revela a beleza dos dons de Deus para a humanidade. O global pode tirar as pessoas do mundo da "mesquinhez caseira", no dizer do Papa Francisco. Mas são duas situações complementares e não podem ser separadas. A separação desses dois polos, presentes no mundo da cultura, pode levar a determinadas radicalizações ideológicas polarizadas.

Em termos concretos, não estamos aqui falando apenas no âmbito do mundo digital. Na Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa quer ampliar o sentido de fraternidade e responsabilidade entre todas as nações do mundo. Significa que o povo de um país tenha abertura em relação aos demais, acolhendo os dons do outro, mesmo sem perder as raízes culturais de quem recebe e de quem é recebido.

O universal e o particular têm dimensões de unidade na diversidade. O que é universal não diminui em si mesmo, nem a parte isolada fica estabilizada, porque ambos, o todo e a parte, têm valores que precisam ser respeitados. O fundamental é nenhum se fechar em si mesmo, dificultando o reconhecimento de princípios que estão presentes na tradição de cada nação e de cada povo.

Nenhuma comunidade pode criar uma muralha defensiva para sua salvaguarda, porque se torna estática, adoece e deixa de ser saudável, aberta e acolhedora. Isso é incapacidade para receber as belezas e possibilidades que podem vir do mundo inteiro. É preciso ter consciência de que os relacionamentos e confrontos com quem é diferente faz descobrir peculiaridades e possibilidades de ajuda.

Não há perda de identidade no confronto entre culturas. Há sim síntese, que beneficia a todas. O mundo é uma grande família, família de nações, caracterizada pela comunhão dialogal entre os povos, formando uma integração universal. Deve privilegiar prática e espírito de vizinhança cordial, de gratuidade, solidariedade e reciprocidade. Os outros não podem ser concorrentes e inimigos.

Ávidos da missão?



Já se faz um ano e eis que ainda enfrentamos os entraves da pandemia do coronavírus, a Covid-19. Muitas saudades dos nossos encontros, muitas preocupações pastorais, muitos planejamentos na expectativa de serem colocados em prática e, por outro lado, muita criatividade no tangente da comunicação geradora de comunhão paroquial, muita solidariedade, muita oração em cada lar cristão... Desafiada, nossa Igreja viu a necessidade de augurar novos caminhos, caminhos estes que sempre nos desafiam e nos desafiarão. No início o medo, a insegurança, a incerteza, realizando o possível, desafiando barreiras, alcançando novos aprendizados,

alimentando muita esperança... uma certeza: os desafios podem ser oportunidades.

Sempre há aquela pergunta: Como seremos após a pandemia? Qual será a missão da Igreja? Como será a evangelização? Na verdade a pergunta não deve ser feita só para o depois. A pergunta se coloca a todo instante. A Igreja, protagonista do Reino, sempre tem uma palavra a dizer. Não importa a situação caótica. Do caos, Deus fez o cosmo. A missão da Igreja não é o depois, a missão da Igreja é o agora. É claro, as demandas são outras, existem prioridades, urgências... tudo deve ser avaliado e discernido à luz da Palavra de Deus.

A fé cristã-católica é portadora de uma grande luz. Se nos perdemos nas trevas da vida é porque nosso olhar se desviou de Jesus. Ele é o nosso chão, onde encontramos segurança para o nosso agir, é o nosso horizonte, nossa esperança sem fim, nosso amor pleno. Para Jesus sua missão estava muito clara, sua preocupação, em todo tempo e lugar, era realizar a vontade do Pai: anunciar o Evangelho do Reino. Neste objetivo Jesus comprometeu todas as suas energias.

A missão da Igreja não é outra a não ser assumir a missão de Jesus como sua. Sabemos, mas é bom sempre recordar que Igreja somos todos nós, batizados e batizadas,

os consagrados e consagradas, os presbíteros, os bispos, o papa. Temos a missão de Jesus sob nossa custódia. Neste sentido tudo o que a Igreja faz deve fazer na perspectiva de evangelizar assim como Jesus evangelizava.

Em pleno século XXI, depois de uma longa história de cristianismo católico com altos e baixos, aqui estamos. Viver é um privilégio, uma graça. Aqui estamos nós escrevendo um capítulo único da história. Mais do que custodiar a fé, mais do que viver, evangelizar é o verdadeiro privilégio, a verdadeira graça que se torna uma missão: "Ai de mim, se eu não evangelizar" (1Cor 9,16).

É certo que a pandemia, por algum tempo, nos fez "pisar no freio". O parar as atividades não significa perda de tempo, mas uma oportunidade para avaliar a caminhada, olhar para si, desatar os nós que nos amarram, projetar a ação. É preciso, à luz do Espírito Santo, pensar a Igreja. Aqui cabem algumas perguntas: Como dizer que somos

um país cristão com tantas desigualdades? Como se tornar uma Igreja sempre mais atual, uma Igreja verdadeiramente em saída?

Dizia Karl Rahner: "O cristão do século XXI ou será místico ou não será cristão". Isso pode muito nos ajudar. A Igreja deve ser mais contemplativa, mistagógica, querigmática e catequética. Menos doutrina, menos burocracia, mais Cristo. Lembrando ainda que catequese é coisa para adultos, é o amadurecimento da fé.

Que sejamos uma Igreja mais misericordiosa, acolhedora, inclusiva, tornando radical uma forma de amor, tendo abertura aos miseráveis da sociedade, ecologizando as relações. Uma Igreja que recupera a identidade; e o projeto de Jesus exige conversão e não aggiornamento. É preciso deixar-se modificar pela experiência de Jesus, realizar as esperanças do povo, recuperando o jeito de ser de Jesus. Jesus deve ser o sentido de toda ação pastoral da Igreja.

Neste contexto é urgente que nos preparemos cada vez mais para o virtual. Não dá mais para ser Igreja e negar esses meios. O mundo é cada vez mais virtual, nos desafia e nos impulsiona. A pandemia nos mostrou que o virtual é uma forma de presença, menos o sacramento que exige a matéria, mas cada vez mais precisamos ocupar esses espaços, ajudar o povo a ter acesso à internet e capacidade seletiva diante de tantas ofertas negativas que o meio também proporciona. Que sejamos uma Igreja que não cuide somente das coisas da igreja, mas muito mais do que isso, que cuide das pessoas. Que nosso exemplo seja de fato a pessoa de Jesus e não figuras estreladas que se ofuscam nas suas próprias luzes. É necessário que todos entendam que a única estrela é Jesus e que todos nós somos servidores do Evangelho do Reino.

Fonte: Live Tecendo redes: Os rumos da Igreja no pós-pandemia. Com Dom Joaquim Mol.





3º DOMINGO DA QUARESMA 7/3/2021

1ª LEITURA - Ex 20,1-17

Estamos diante dos dez mandamentos. Para facilitar a memorização, a Igreja apresenta os dez mandamentos em apenas dez frases. A introdução é muito importante para se entender todo o decálogo e amá-lo como proposta de vida. Os mandamentos foram dados após a libertação da escravidão do Egito. Ali prevaleciam a opressão e a morte. Agora libertado por Deus o povo tem possibilidade de vida. Os dez mandamentos são a proposta de vida que Deus apresenta para o povo. Se eles não se esforçarem por vivê-los, eles correm o risco de voltar à opressão e morte sofridas já no Egito. Assim o centro dos mandamentos é: "Não matarás". Na introdução fica claro que Deus é o único Senhor, o libertador, o promotor da vida. O que propõe é uma sociedade justa, fraterna e solidária, que promova a vida e não a morte como no Egito. O 1º mandamento a Igreja sintetiza na frase: Amar a Deus sobre todas as coisas. Qualquer amor, mesmo o de pais, de filhos, de cônjuges, maior do que o amor de Deus é idolatria. É fabricar alguma coisa material ou mentalmente e colocá-la acima de Deus. Deus está acima de tudo e de todos. Pensar o contrário é idolatria. É bom lembrar que isto nada tem a ver com a imagem dos nossos santos. Pois a imagem nos lembra exatamente que vale a pena dar a vida pelos irmãos, como fizeram os santos por causa de sua entrega total ao único Senhor e Deus Jesus Cristo. Todos os nossos santos são considerados santos, exatamente, porque viveram radicalmente o primeiro mandamen-

to. Suas imagens nos recordam que não existe outro Deus além do nosso Deus e Pai que se manifestou em Jesus Cristo com toda a força do Espírito Santo.

O 2º mandamento proíbe usar o nome de Deus para testemunhar mentira, para acobertar a fraude, a escravidão e a morte. O 3º diz respeito ao dia de descanso que para a religião judaica era o sábado. Proibir o trabalho num dia de semana era sinal de libertação e de vida. Era um basta à ganância e à exploração. O povo de Deus não é mais escravo no Egito. Também no Segundo Testamento o novo povo de Deus foi libertado da escravidão e da morte. Ele precisa tomar consciência disso e cultivar o Deus de Jesus Cristo, que o libertou com sua ressurreição no 1º dia da semana. Este dia ficou sendo chamado "domingo", que traduzido significa: "Dia do Senhor". O 4º mandamento é honrar pai e mãe como fonte da vida. A vida vem de Deus através dos nossos pais e não através do faraó do Egito e suas divindades pagãs. O 5º mandamento é uma espécie de eixo, de centro e de síntese dos mandamentos, pois tudo o que impede a vida deve ser proibido como gerador de morte. O 6º mandamento é a promoção da vida em família. O adultério destrói a relação familiar. A Igreja com a formulação: "Não pecar contra a castidade" amplia o respeito à vida do corpo e do espírito além das relações familiares. O 7º mandamento: "Não roubar" é também mais amplo do que parece. Implica em promoção e respeito à vida da pessoa com tudo o que lhe pertence: seus bens, sua dignidade, sua liberdade. O salário minguido, a falta de condição digna de trabalho, a escravidão são um roubo ou um assassinato por parte dos patrões e legisladores, pois isto destrói a vida. Por outro lado quem rouba para matar sua fome não está pecando. "Não levantar falso testemunho" - o 8º mandamento - é a preservação da vida através de julgamento e sentenças justas nos tribunais. Que dizer de nossos advogados, de nossos juizes, de nossa justiça? Os dois últimos mandamentos condenam a cobiça

como a raiz de todos os males e injustiças.

2ª LEITURA - 1Cor 1,22-25

Decepcionado depois de falar para homens cheios de sabedoria humana em Atenas (At 17,22-34), Paulo entende a loucura do Crucificado, pois Jesus quis ser solidário com aqueles que a sociedade crucifica. Judeus consideram o suplício da cruz como uma maldição (cf. Gl 3,13), e buscam uma religião de milagres, fácil, sem compromisso, sem solidariedade com o pobre e o sofredor. Os gregos cultivam a razão, a ciência, não o coração de Deus manifestado no amor de Cristo. Assim para judeus Jesus é escândalo, para os pagãos, loucura, mas para todos os que atendem ao chamado de Deus, judeus ou gregos, Cristo é a expressão do poder, da sabedoria, do amor, da misericórdia de Deus. A loucura do amor de Deus, manifestada na fraqueza da encarnação, paixão e morte de Jesus na cruz, supera toda a sabedoria e fortaleza dos homens.

EVANGELHO - Jo 2,13-25

A páscoa para São João já há muito tempo deixou de ser a celebração da libertação do povo. O evangelista diz que a Páscoa é dos judeus, não é do grupo de Jesus. "Judeus" indicam as lideranças religiosas e políticas que manipulavam, controlavam e exploravam o povo através da religião, através dos sacrifícios do Templo. Jesus não concordava com este tipo de religião opressora. O uso do chicote realiza a profecia messiânica de Zc 14,21, que prevê um culto sem manipulação e exploração do povo. Quando Jesus expulsa os animais usados no sacrifício, ele quer declarar inválidos todos estes sacrifícios, como também o culto explorador. Jesus tem uma atenção especial para as pombas que eram a matéria do sacrifício dos pobres para a purificação e expiação dos seus pecados. Quer dizer, os líderes religiosos estavam vendendo o perdão do Deus da gratuidade. Era a inversão total do sentido

da religião. O Deus libertador é passado para os pobres com a imagem de um Deus explorador e opressor. É claro que o Filho tinha que reagir diante dessa imagem invertida do Pai.

O gesto de Jesus suscita duas reações: A primeira é dos discípulos. Jesus veio para substituir o Templo, mas os discípulos estão pensando que ele veio para reformar o Templo. Para Jesus, entretanto, o Templo já não está cumprindo mais suas funções. Agora o novo Templo é o corpo de Jesus, que os judeus vão destruir, mas que Jesus vai de novo ressuscitar. A segunda reação é justamente dos donos do Templo, os judeus (que representam os dirigentes) que pedem um sinal para justificar a conduta de Jesus. O sinal que Jesus dá é exatamente o sinal da sua morte e ressurreição: “destruam este Templo, e eu em três dias o levantarei”. O evangelista tem o cuidado de dizer que Jesus falava do Templo de seu corpo.

O restinho do evangelho diz que Jesus não confiava nas pessoas que não queriam acreditar de verdade no significado profundo dos seus sinais, ou seja, de que Jesus é o Filho de Deus, mas viam nele apenas um milagreiro e reformador das velhas instituições.

“A loucura do amor de Deus, manifestada na fraqueza da encarnação, paixão e morte de Jesus na cruz, supera toda a sabedoria e fortaleza dos homens.”



**4º DOMINGO DA QUARESMA
14/3/2021**

1ª LEITURA - 2Cr 36,14-16.19-23

Estamos no finalzinho do Segundo Livro das Crônicas, que é também o final da Bíblia Hebraica. O cronista faz uma síntese da história do povo de Deus, destacando de um lado a infidelidade do povo e do outro lado a fidelidade de Deus. Por que Judá foi parar no exílio? Por causa da má conduta dos seus dirigentes políticos e religiosos e também do povo: infidelidade, idolatria e profanação. Deus tinha dó do povo e enviava-lhe continuamente mensageiros. Mas qual era a reação? Zombarias, desprezo, gozação. Deus usa uma pedagogia diferente. Ele permite que o povo sofra as consequências da própria irresponsabilidade. Assim, Jerusalém foi destruída pelo inimigo que era a Babilônia e o Templo de Deus foi incendiado. O povo responsável pelo rompimento do projeto de Deus foi deportado e se tornou escravo (ano 586 a.C.). A citação de Jeremias lembra que um dos pecados das elites de Judá foi não respeitar a lei do repouso da terra a cada sete anos (Lv 26,34-35). Essa lei lembra que a terra era de Deus e que essa não podia ser fonte da exploração do povo por parte da ambição dos ricos. A terra tem assim um repouso forçado. Parece que está tudo acabado por causa da infidelidade do povo. Mas não se pode esquecer que o projeto de uma vida fraterna e solidária não é do homem, mas de Deus; é promessa de Deus para o homem e Deus nunca é infiel em suas promessas. Deus faz renascer a esperança do povo usando o rei da Pérsia, Ciro, para libertar o seu povo (ano 538 a.C.) e recomeçar a reconstrução do Tem-

plo. Com a reconstrução do Templo de Jerusalém o povo vai recomeçar a ter liberdade e vida.

2ª LEITURA - Ef 2,4-10

Poderíamos salientar no trecho de hoje dois pontos: Primeiro: Deus é muito bom, ele nos ama profundamente não por causa do que fazemos de bom, mas por causa de nós mesmos, pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus; sem Deus estamos mortos. Sua bondade, seu amor se traduzem em misericórdia e perdão, através de Jesus Cristo que nos fez reviver. Segundo: o autor lembra a questão da fé e das obras ou a questão da graça e do mérito. O que nos salva não é o que fazemos, mas o que Cristo fez por nós. Duas vezes o autor salienta que é pela graça que somos salvos. Então a gente não deve fazer nada de bom? É claro que deve. O que a gente não deve é fazer nada de mal, pois nós não fomos criados para fazer o mal, mas o bem. “Somos criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus preparou de antemão, a fim de que nelas caminhássemos”. Precisamos de um texto mais claro? Assim não podemos nos gloriar de nossas boas obras, pois o mérito não é nosso, mas do Pai. Mas sempre que fazemos boas obras tomamos consciência de que aceitamos a salvação de Deus e de que já estamos de certo modo “ressuscitados no céu em Cristo Jesus”.

EVANGELHO - Jo 3,14-21

Nosso trecho faz parte do diálogo de Jesus com Nicodemos. Podemos destacar os seguintes pontos:

1º. No deserto foi preciso que Moisés levantasse uma serpente de bronze, para que quem fosse mordido por cobra ficasse curado, olhando para a serpente (Nm 21,8-9). Uma pequena observação sobre as imagens. É curioso que a serpente sempre foi símbolo de idolatria. Por que o Primeiro Testamento conserva este texto perigoso, quando na maioria das vezes proíbe fazer imagens para adorar? É que essa imagem da

serpente não está curando por força própria, mas pelo poder de Deus. Por isso não pode ser confundida com ídolo. A imagem dos santos é muito menos perigosa e tem um papel muito mais fraco, pois apenas lembra que o santo foi totalmente consagrado ao único Deus de poder e de amor que se manifestou em Jesus Cristo. As imagens na Igreja apontam todas para um único Deus e Senhor. Portanto o uso das imagens nada tem de idolatria. Provocam, sim, o contrário, uma caminhada de fé em direção ao único Deus que com seu poder e seu amor transformou a vida daquele santo, cuja imagem é apenas um retrato. Voltando à comparação da serpente levantada por Moisés, Jesus mostra que ele também será levantado numa cruz para curar, dar a vida eterna a todos aqueles que foram mordidos pela serpente do pecado e da morte.

2º. Como a gente alcança a vida eterna? Sabendo reconhecer e acolher na vida a grandeza do amor misericordioso de Deus, que foi capaz de entregar seu Filho único para dar a vida aos que nele creram. Este reconhecimento e esta acolhida significam a adesão de fé à pessoa de Jesus crucificado e ressuscitado.

3º. Para que Jesus veio ao mundo? Para trazer-nos salvação, não condenação. A decisão se dá pela fé aqui e agora; crer é ser salvo, não crer é ser condenado. É bom lembrar que o núcleo da fé é a ressurreição; quem nega a ressurreição, nega Jesus. O que dizer dos espíritas e das religiões que acreditam na reencarnação?

4º. Como se dá o julgamento? O julgamento acontece não por decisão, decreto de Deus, mas por decisão do homem. É uma questão da preferência do homem que aceita Cristo como luz que ilumina nossas ações. Quem faz boas obras acha bom, porque a verdade de suas ações aparece. Quem faz más obras acha ruim, porque se sente condenado, desmascarado e por isso odeia a luz.



**5º DOMINGO DA QUARESMA
21/3/2021**

1ª LEITURA - Jr 31,31-34

Estamos lendo um pequeno e precioso texto tirado dos capítulos 30-31 do livro do profeta Jeremias. Estes dois capítulos são chamados “Livro da Consolação de Israel”, que salienta a esperança da reconstrução da vida nacional. A Aliança antiga feita no Sinai, após a libertação do Egito, não estava conseguindo motivar o povo a uma mudança de vida. Quais eram as características da Antiga Aliança? Era externa, ritual, jurista, inscrita em tábuas de pedra. Era feita através de mediações como o sacerdote, o templo, o sacrifício, as lideranças políticas e religiosas; tudo isso transformava a experiência pessoal do Deus libertador num código frio de leis. O texto de hoje propõe uma Nova Aliança. Quais são as características da Nova Aliança? Ela é totalmente diferente da antiga. Ela não será feita em tábuas de pedra, mas será gravada no coração de cada pessoa. Assim cada um a carregará consigo para todo o lugar e não poderá jamais esquecê-la. A partir do seu interior o homem e a mulher perceberão que eles pertencem a Deus e sentirão que Deus os ama como seu povo. Não haverá mediações, pois cada um poderá reconhecer a Deus pessoalmente e a ele dirigir suas preces. Da nossa parte uma das características básicas da nova aliança é a experiência pessoal do Deus libertador. Da parte de Deus é o dom do perdão das nossas culpas e do esquecimento do nosso pecado.

É claro que esta Nova e Eterna Aliança foi realizada na cruz de Cristo.

2ª LEITURA - Hb 5,7-9

O tema principal da carta aos Hebreus é o Sacerdócio de Cristo. Para uma pessoa ser sumo sacerdote, o Primeiro Testamento exigia entre outras coisas uma semelhança com as pessoas pelas quais se deveria interceder através de orações e sacrifícios. Uma exigência quase desnecessária, mas lembrando-a, entendemos porque a carta aos Hebreus insiste tanto que Jesus era um ser humano totalmente semelhante a nós e experimentou profundamente nossa condição humana menos o pecado. Na verdade, Jesus experimentou todas as consequências do pecado sem nunca ter pecado. Jesus rezou ao Pai “com clamor e lágrimas para que o Pai o salvasse da morte”. É uma referência à agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras. E ele foi atendido por causa do seu profundo respeito ao Pai. No fundo, ele reconheceu que é a vontade do Pai que deveria realizar-se e não a sua. Acho que nos ensina muito esta frase: “Mesmo sendo Filho, aprendeu a obediência através do sofrimento”. Nós, muitas vezes, pensamos que não devemos sofrer, pois somos bons, somos filhos de Deus, somos religiosos, de comunhão diária! Queria salientar que, apesar do texto dizer que Deus o podia salvar da morte, Deus não o salvou da morte, mas o salvou na morte, através da morte, com a ressurreição. Pois Jesus, de fato, morreu, mas Deus o ressuscitou. Assim também Deus não nos salva do sofrimento e da morte, mas no sofrimento e na morte, dando-nos a nova vida de ressuscitados também na morte. A última observação é que enquanto os sumos sacerdotes ofereciam um sacrifício externo, Jesus se identificou com o sacrifício, ele é sumo sacerdote, sacrifício, altar e cordeiro. Ele se tornou assim fonte de salvação eterna para todos os que lhe obedecem.

EVANGELHO - Jo 12,20-23

Vamos salientar apenas alguns aspectos do evangelho de hoje. Os gregos, quer dizer, os não judeus, representam todos os outros povos;

eles querem ver Jesus. Esta frase dos gregos: “Senhor, queremos ver Jesus”, pode significar a aspiração máxima de todo o ser humano. Ela não está longe daquela pronunciada mais tarde por Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta” (14,8). Na verdade, Jesus e o Pai são um só. A resposta de Jesus aos discípulos mediadores, Filipe e André, parece explicitar como os povos podem ver Jesus e o que significa ver Jesus. Por isso Jesus fala da hora da sua glorificação. É no alto da cruz que acontece a hora de Jesus, a qual em Caná não havia chegado ainda (2,4), embora Jesus tenha deixado transparecer uma amostra, a tal ponto que os discípulos viram a sua glória e creram nele (2,11). Mas na cruz, plenitude de sua glória e da glória do Pai, todos os povos (= os gregos) o verão e crerão nele, (“quando eu for levantado da terra atrairei todos a mim”). Para isso o grão de trigo tem que cair na terra e morrer. Só assim ele produzirá frutos. Jesus sabe o valor da vida presente e reconhece sua relatividade. Como ele sabe que muitos não têm uma vida digna no presente e correm o risco de perder a vida futura, ele entrega sua vida para que todos tenham vida e a tenham em abundância. Na verdade só tem a vida aquele que é capaz de entregá-la como Jesus o fez, pois é só no serviço, na doação total que o discípulo poderá seguir o Mestre. Aí sim, onde o Mestre estiver, estará também o discípulo, quer dizer, não só na cruz do seguimento, mas também na glória do Pai, pois do mesmo modo como o Pai honrou o Filho com a ressurreição, honrará também aquele que o serve. Jesus gostaria de se livrar da cruz, mas não quer fugir à sua missão, nem fazer a sua vontade, mas a vontade do Pai. É assumindo a sua cruz que o Pai é glorificado. E o Pai confirma a decisão do Filho para que todos possam crer. O julgamento do mundo acontece junto com a glória do Pai e do Filho, pois a morte de Jesus é ao mesmo tempo salvação para todos os que se deixarem atrair por ele (os gregos) como também condenação para todos aqueles que não querem ver Jesus (ou seja, os chefes deste mundo).



**DOMINGO DE RAMOS E DA
PAIXÃO DO SENHOR
28/3/2021**

1ª LEITURA - Is 50,4-7

Estamos lendo o terceiro canto do Servo de Javé. O Senhor Deus é o Mestre, e o servo é o discípulo. Qual é o ensinamento que o Mestre dirige ao discípulo? O texto salienta uma tríplice atitude de Deus: **a)** “O Senhor Deus me ensinou a falar”... “e me desperta a cada manhã”; **b)** “O Senhor Deus abriu meu ouvido”; **c)** “O Senhor Deus me presta socorro”. Qual é a atitude do discípulo - o servo de Javé? **a)** Ele se coloca disponível e aberto como um aluno para aprender de Deus a dar uma palavra de conforto à pessoa abatida; **b)** Ele não fica rebelde nem volta atrás em suas atitudes. Ele não foge nem se esconde diante daqueles que o maltratam; **c)** Ele não se deixa vencer pelas injúrias, mas conserva o rosto insensível como pedra. E, acima de tudo isso, ele tem absoluta certeza de que não vai ficar decepcionado com o seu Mestre e Senhor. Estas atitudes do servo mostram que, instruído e protegido por Deus, ele se sente bem preparado para a sua missão. Ele é capaz de suportar tudo para não trair a missão recebida, nem a opção assumida. A essa altura poderíamos nos perguntar: Afinal quem é esse Servo de Javé? Poderia ser o povo de Israel diante de sua missão universal; um anônimo, talvez, para simbolizar os sofredores, os marginalizados e empobrecidos de todos os tempos; ou uma figura messiânica. De qualquer maneira, o Segundo Testamento viu em Jesus a realização plena desse enigmático personagem do Primeiro Testamento chamado o “Servo Sofredor”.

2ª LEITURA - Fl 2,6-11

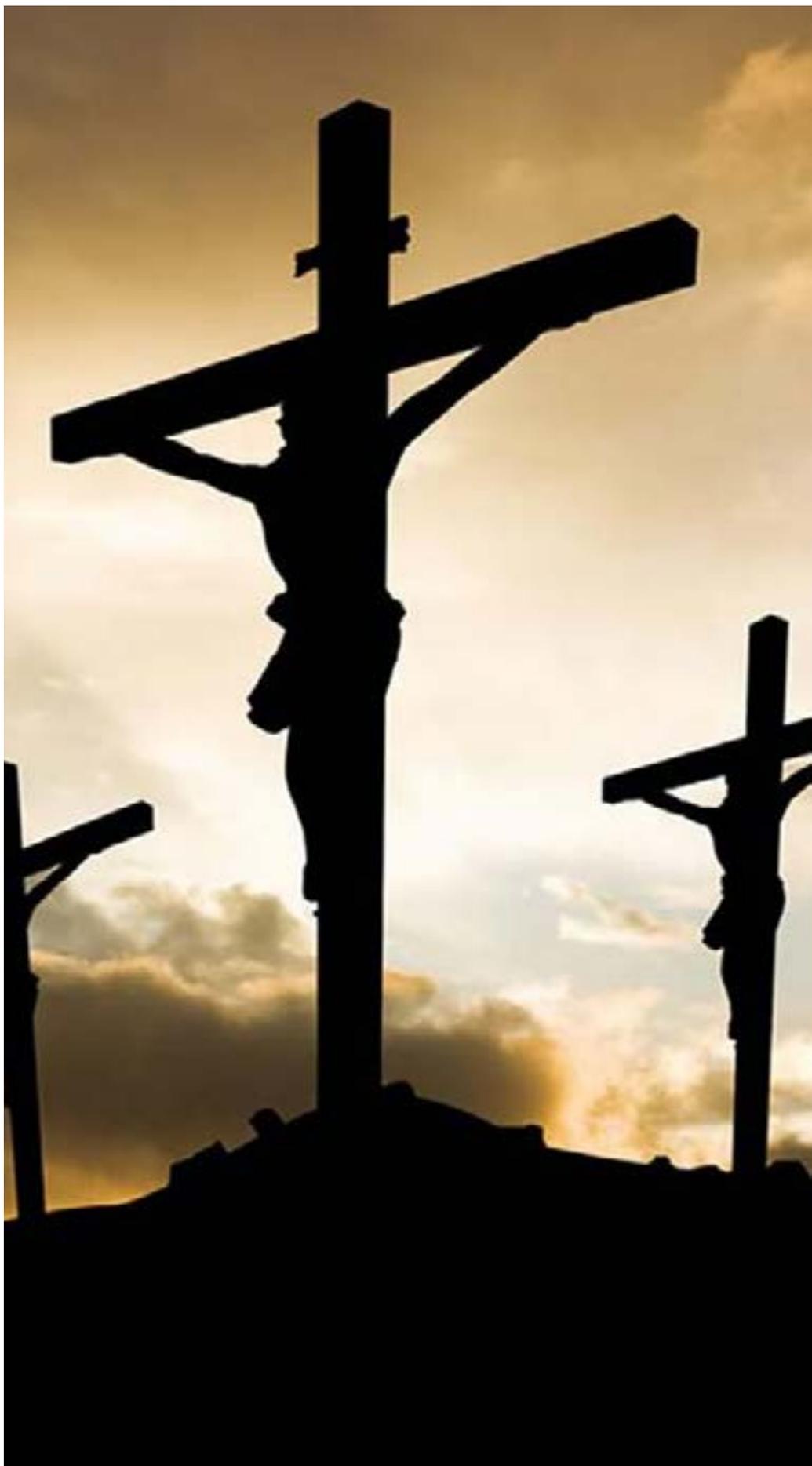
Este hino - uma das mais belas sínteses do pensamento de Paulo sobre Jesus - mostra dois movimentos - um descendente (vv. 6-8) e outro ascendente (vv. 9-11). O movimento descendente tem Jesus como sujeito. É a ação radical de Deus Filho que se torna servo obediente. O Filho abandona tudo o de que tem direito, todas as prerrogativas de sua condição divina. Esvazia-se, aniquila-se, aceita a condição de escravo, tornando-se igual aos homens. E ainda, como homem, ele se rebaixou totalmente sendo obediente até a morte e morte ignominiosa numa cruz. Nesse movimento descendente percebemos o profundo mergulho do Filho de Deus na miséria humana para ser solidário com os mais miseráveis e desprezíveis. O movimento ascendente tem o Pai como autor. Ele exalta o Filho com sua ressurreição, ascensão e entronização. O Filho ocupa de novo o lugar que já possuía junto ao trono do Pai. O Pai exalta o nome de Jesus acima de qualquer nome. O nome de Jesus é “Senhor”. Todos devem adorá-lo (dobrar os joelhos). E toda a língua deve proclamar para a glória do Pai que o Filho Jesus é o Senhor.

EVANGELHO - Mc 15,1-39

Marcos inicia seu evangelho anunciando a tese que ele quer provar: Jesus é o Cristo-Messias e Filho de Deus. O evangelho se apresenta como um drama. Logo no início, já aparece, por parte de seus adversários, representados por fariseus e herodianos, a intenção de matá-lo (cf. 3,6). No meio do evangelho, Pedro, em nome da comunidade apostólica, professa a fé em Jesus como Messias - a primeira tese de Marcos - mas, mais tarde, Pedro renegará Jesus e, por causa da traição de Judas, Jesus é preso e depois condenado à morte. Diante do sumo sacerdote, Jesus afirma que ele é realmente o Messias (14,62). Diante de Pilatos, Jesus endossa o título de “rei dos judeus”. Instruída pelos sumos sacerdotes a multidão troca Jesus pelo criminoso Barrabás, pedindo para soltar Barra-

bás e crucificar Jesus. Pilatos para satisfazer à multidão manda flagelar Jesus e o crucificar, mesmo sabendo da inocência de Jesus e que os sumos sacerdotes o haviam entregado apenas por inveja. Com um manto vermelho e uma coroa de espinhos, os soldados caçoavam de Jesus como de um rei derrotado, pois o maltratam e desprezam batendo e cuspidando nele. Na verdade, inconscientemente, eles estavam maltratando o verdadeiro rei, que veio justamente para condenar todo tipo de maldade e violência. A caminho do Calvário obrigam Simão Cirineu a carregar a cruz para Jesus. Jesus foi crucificado entre dois ladrões. Eles simbolizam todos os marginalizados que Jesus veio abraçar e com quem Jesus veio partilhar o seu trono. Todos os que passavam por ali, juntamente com os sumos sacerdotes e doutores da Lei, zombavam de Jesus e tentavam-no, pela última vez, desafiando sua messianidade. Às 15h, Jesus morre rezando o Salmo do justo sofredor: “Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?” A cortina do santuário rasgou-se de alto a baixo. É a eliminação da distância entre o sagrado e o profano. No batismo de Jesus também os céus se rasgaram (1,10) mostrando que Deus desceu até nós. A última frase do evangelho de hoje prova a segunda tese de Marcos de que Jesus é o Filho de Deus. Os judeus rejeitaram Jesus, mas os pagãos o reconheceram. Por isso o oficial romano, representando os pagãos, disse: “Na verdade este homem era mesmo Filho de Deus”.

“Jesus foi crucificado entre dois ladrões. Eles simbolizam todos os marginalizados que Jesus veio abraçar e com quem Jesus veio partilhar o seu trono.”



Calendário do Presbitério

- 01:** Aniv. nat. Pe. José Jesus Gomes de Araújo (1932), BH; Pe. José Paulo da Cunha (1961), pároco de Santana do Manhuaçu; Pe. José Pereira de Souza (1954), Ipanema; Pe. Christian Moreira Coelho de Oliveira (1985), pároco de Orizânia; e de Pe. Mário Sérgio Bittencourt de Carvalho (1960), BH. – Aniv. Ord. Pe. Ismael Destéfani, SSS.
- 02:** Aniv. fal. Pe. Manoel de Magalhães (1982): Itanhomi.
- 05:** Aniv. nat. Frei Patrício Sciadini OCD (1945); e aniv. fal. Dom Antônio Felipe da Cunha, SDN (1995): Guanhões.
- 06:** Aniv. nat. de Pe. Marlone Pedrosa (1975), pároco de Nossa Senhora da Conceição, Caratinga; e de Frei Antônio Júnior de Vasconcelos Gualberto, OCD (1971).
- 08:** Aniv. fal. Pe. José Afonso Painhas (1931): Manhumirim e Inhapim.
- 12:** Aniv. nat. Pe. Francisco das Chagas de Pontes Carvalho, SDN (1978), Mestre de Noviços, Noviciado São José, Matozinhos, MG.
- 13:** Aniv. fal. Pe. Antônio de Souza Lima Mottinha (1953), 8º Pároco da Catedral de São João Batista.
- 16:** Aniv. nat. Frei João Bonten OCD (1940).
- 17:** Aniv. nat. Pe. Patrício Geraldo Fialho (1982), procurador do Seminário Diocesano N. Sr.ª do Rosário.
- 18:** Aniv. nat. Pe. Éltton Alves dos Reis SSS (1971).
- 19:** Aniv. ord. Pe. Armindo Magalhães Duque SSS (1987). Aniv. fal. Pe. João Pina do Amaral (1964): Tarumirim; e de Pe. José do Carmo Lima (2013), Vargem Alegre.
- 20:** Aniv. ord. Pe. José Enésio Pinheiro (2004); e aniv. fal. Pe. Teófilo Sansón (1922): Carangola; e de Pe. Salvador Cetrângulo (1948): Manhumirim.
- 21:** Aniv. nat. Pe. Humberto Borelli (1936), pároco emérito de N.ª S.ª da Conceição, Caratinga; aniv. ord. Frei Afonso de Santa Teresinha, OCD (1998); e aniv. fal. Pe. Horácio Marques da Rocha (1955): Ubaporanga.
- 22:** Aniv. nat. Pe. Heleno Raimundo da Silva SDN (1966), Pároco do Bom Pastor, Manhuaçu; e Secretário Geral da Congregação. – E aniv. fal. Dom Joaquim Mamede da Silva Leite (1947), 1º Bispo Eleito de Caratinga.
- 23:** Aniv. nat. Pe. Reginaldo Pires Amâncio (1989), vig. par. N.ª S.ª da Conceição, Caratinga e adm. par. Dom Lara.
- 24:** Aniv. nat. Pe. Valdecir Paulo Martins, SDN (1966).
- 25:** Aniv. nat. Pe. Jesus Neres de Souza, SSS (1972).
- 26:** Aniv. ord. Frei Alberto de Santa Teresinha, OCD (1998).
- 27:** Aniv. fal. Pe. Francisco José de Sousa (1915): Entre Folhas; e de Pe. Henrique Hesse, SDN (1991): Manhumirim.
- 28:** Aniv. nat. Pe. Geziel José de Almeida (1984), Reitor do Seminário Diocesano N. Sr.ª do Rosário; e aniv. fal. Pe. Edson Ercílio Franco, SSS (2020).
- 29:** Aniv. fal. Frei Gilberto Hickmann, OCD (2018).
- 30:** Aniv. ord. Pe. Valcy Ribeiro Soares (2014), pároco de Santa Bárbara do Leste.
- 31:** Aniv. fal. Mons. João Sabino de Las Casas (1942): Faria Lemos.

Datas Diversas - Março:

02: Dia Nacional do Turismo
03: Dia do Meteorologista
05: Dia do Filatelista Brasileiro
07: Dia dos Fuzileiros Navais
08: Dia Internacional da Mulher
10: Dia do Telefone
12: Dia do Bibliotecário
14: Dia do Vendedor de Livros
14: Dia Nacional da Poesia

14: Dia dos Animais
15: Dia da Escola
15: Dia Mundial do Consumidor
19: Dia do Carpinteiro e Marceneiro
21: Dia Universal do Teatro
21: Dia Internacional Contra a Discriminação Racial
23: Dia Mundial da Meteorologia
27: Dia do Circo
28: Dia do Diagramador e Revisor
31: Dia da Saúde e Nutrição

Calendário Pastoral - Março 2021

07: 3º Domingo da Quaresma.
19: São José, padroeiro de Vargem Alegre.
25: Anunciação do Senhor.
28: Domingo de Ramos.



VOCÊ CONHECE TODOS OS NOSSOS PRODUTOS E SERVIÇOS?

COMUNICAÇÃO VISUAL

- . BANNERS
- . FAIXAS
- . ADESIVOS
- . IMPRESSÃO EM PVC
- . ADESIVO RECORTE
- . CRIAÇÃO DE ARTES

GRÁFICA

- . CARTÕES DE VISITA
- . FLYERS, FOLDERS, PANFLETOS
- . TIMBRADOS, RECEITUÁRIOS
- . CONVITES
- . IMÃS
- . CALENDÁRIOS
- . BLOCOS
- . CADERNETAS DE VACINAÇÃO
- . REVISTAS
- . ETIQUETAS
- . ESTAMPA DE LUTO
- . TAGS
- . ENVELOPES
- . PASTAS
- . COMANDAS
- . CARDÁPIOS, ETC

VENHA FAZER SEU ORÇAMENTO

PARCELAMOS NO CARTÃO



(33)9 8875-3578 **(33) 3321-9558**

Praça Cesário Alvim, 132 - Centro - CEP: 35.300-036 - Caratinga- MG
E-mail: graficadomcarloto@yahoo.com.br

Crônica da vida real

Era um dia muito especial. Aqueles jovens (cinco para ser mais específico) tinham, há um bom tempo, cada um a seu modo, decidido "dar tudo pelo Tudo". Cada dia, cada passo foi muito mais do que calculado antes, sentido, sonhado, rezado, celebrado.

É normal que, nas festividades e celebrações que envolvem a vida das pessoas, conte-se com a presença daqueles que foram cruciais nas horas de decisão. É importantíssimo tê-los ao lado, não só para colher as consequências danosas das decisões mal tomadas, mas também para colher os bons frutos de uma colheita bem feita, de uma lavoura bem regada. E esses jovens sabiam muito bem disso.

Quando foram avisados da festa, prepararam-se; compraram roupa nova; pensaram nos convites e lembranças; fizeram a lista daqueles que eles desejavam que estivessem presentes; sonharam. Contudo, as vicissitudes do tempo nem sempre cooperaram com a realização dos sonhos e projetos das pessoas; e assim foi com os jovens protagonistas desta pequena história.

Numa manhã nublada, propícia para o recolhimento, reflexão e até para um bom cochilo, eles pararam seus afazeres e se colocaram a pensar sobre o tempo em que viviam, seus desafios e consequências advindas das decisões que eles tomariam. Para a festa, seus convidados eram indispensáveis, cruciais; no entanto, essa valorosa presença poderia desencadear uma série de sofrimentos. A sociedade passava por momentos difíceis e dolorosos.

Sendo assim, tomaram a decisão de não festejarem com os

seus. Essa decisão foi a mais acertada, mas lá, bem no fundo do coração de cada um deles, ficou uma lacuna, uma brecha, pois não se pode festejar sozinho.

Chegou o grande dia. Levantaram cedo. Foi um dia marcado pela ansiedade e pela alegria, mas também por uma ligeira tristeza que teimava em se manifestar. Na hora da festa, a grande casa estava como que vazia. Olhavam para um lado e para o outro e não encontravam os seus. Sentiram-se sozinhos. Um deles disse: "Hoje é possível compreender o que Jesus queria expressar ao dizer aos seus discípulos que era necessário deixar pai, mãe, irmãos para O seguir."

Pois bem, há horas em que o grande sentimento que nos envolve não é outro senão o da solidão. Vivemos essa realidade com as restrições causadas pela pandemia. Sentir-se sozinho parece fazer parte da vida humana. Há coisas que dependem somente de nós. Muitos fazem parte de nossa histó-

ria, são até bases para respondermos ao chamado que Ele, o Divino Redentor, faz, mas a resposta cabe a cada um. Deus tem uma bonita mania de olhar as pessoas como indivíduos; agindo assim, Ele espera que o sejamos, não desprezando os demais.

Meu amigo, minha amiga; não tenha medo dos seus momentos de solidão. Pelo contrário, faça deles horas oportunas para afinar sua escuta daquilo que Deus tem a lhe dizer. Use essas horas, tidas como intermináveis e doídas, para sentir e perceber que a resposta à vocação é íntima, pura, sensível e singular. Ela cabe a você e não a outro. Seja você o maior responsável por sua resposta ao Senhor; e não se esqueça, terminados os momentos de solidão, sempre há aqueles abraços maravilhosos lhe esperando. E foi assim que nossos jovens terminaram de escrever mais uma página dessa história: dentro de um caloroso abraço.

Paz e bem!



SUPLEMENTO



Quatro reuniões e um plenário sobre:

6ª Semana Social Brasileira - Mutirão pela vida: Terra, Teto e Trabalho

Preparado pela equipe de Valadares
Denilson Mariano, SDN

Caderno 468, março de 2021.



*“Tudo o que fizerdes,
fazei-o de coração,
como para o Senhor e
não para os seres hu-
manos, sabendo que do
Senhor recebereis em
recompensa a herança.”
(Col 3, 23-24)*



facebook.com/savcaratinga



@SAVCARATINGA



<https://www.diocesecaratinga.org.br>

